

Jorge Larrosa

Educação,
Estudo e
Ativismo

10 ANOS DE ESCOLA DE ATIVISMO
100 ANOS DE PAULO FREIRE

Dez por Cento

 Pedro & João
editores



Jorge
Larrosa

Educação, Estudo e Ativismo

Coleção Dez por Cento

Expediente

Esse conjunto de seis publicações chamada “DEZ POR CENTO” foi produzido pelo Núcleo de Educação, Invenções e Resistências - NEIr, da Escola de Ativismo.

Equipe Editorial

Alana Marquesini, Arthur Dantas Rocha,
Luísa Coelho, Luciana Ferreira da Silva,
Maria Teresa de Arruda Campos,
Mário Campagnani, Silvio Munari.

Identidade visual

Isabella Alves

Projeto gráfico e diagramação

Olivia Ferraz de Almeida

Transcrições

Ivan Rubens Dário Junior

Revisão

Arthur Dantas Rocha

Tiragem

500 exemplares

Editora

Pedro & João Editores

Escola de Ativismo

Rua Desembargador Eliseu Guilherme, 292
9º andar. Cep 04004-030, Paraíso, São Paulo/SP

Email

contato@eativismo.org

Copyright © Jorge Larrosa Bondía

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Jorge Larrosa Bondía

Educação, Estudo e Ativismo. Coleção Dez por Cento. São Carlos:
Pedro & João Editores, 2022. 40p. 14,8 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0104-7 [Impresso]
978-65-265-0130-6 [Digital]

1. Paulo Freire. 2. Educação. 3. Educação popular. 4. Ativismo. I.
Título.

CDD – 370

Capa: Olivia Ferraz de Almeida

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

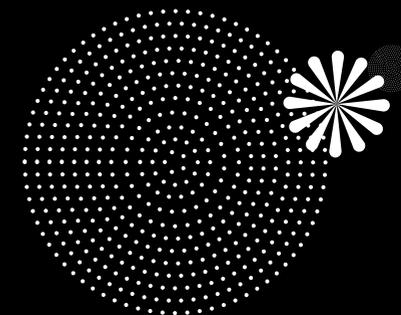
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil);
Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/
Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir
Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil);
Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/
Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma
(UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP
2022



Em 2021 a Escola de Ativismo completou dez anos de vida. Por uma feliz coincidência, este também foi o ano em que se comemorou o centenário do nascimento de Paulo Freire. Para celebrar tal coincidência, a Escola de Ativismo promoveu a série de encontros chamada "Dez por Cento", convidando professoras e professores para pensar possíveis relações entre ativismo e educação.

Foram seis lives, que contaram com a participação de Romualdo Dias, Jorge Larrosa, Alessandra Munduruku, Madalena Freire, Silvio Gallo e Dyarley Vianna. Todas estas falas, disponíveis no canal do YouTube da Escola de Ativismo, foram transcritas, revisadas por suas autoras e seus autores, são agora publicadas em uma forma de livro, que você tem em suas mãos e diante de seus olhos.

Esta série de lives nos permitiu pensar diferentemente sobre as relações entre educação e ativismo. Ainda que Paulo Freire tenha sido o motor que dinamizou o processo, as companheiras e os companheiros trouxeram contribuições e perspectivas muito próprias. Com isso, pudemos ouvir um número elevado de referências, de práticas, de pensamentos que multiplicaram, e muito, as nossas referências, pensamentos e tem inspirado outras práticas. Os efeitos que produziram em nós podem ser lidos na sequência, no Manifesto Educação Popular Ativista.

Manifesto Educação Popular Ativista em permanente construção

A escola do Fora e o fora da Escola

Mundo é tempo

refletir não é ativar.

Nós afirmamos que meio ambiente é aqui e agora, é por inteiro e não pela metade.

Amor ao mundo é estudo e disciplina

é fora da escola, é escola do fora.

É guerreira por dentro, e estratégica por fora.

Aprendiz por dentro, educadora por fora.

Uma escola que se faz com e não para

Com a imagem do rio que ensina pela correnteza, sob força de arrasto, do sobe e desce piracema.

Mas

atuação sem parada não existe, é bom lembrar...

dar-se tempo!

Tempo para notar, que cada pessoa é um mestre, educador, educadora

Caminhamos lado a lado nos ensinando mutuamente, como um agogós

Educação que se dá pelo contágio dos corpos.

Educação mundo estudo reflexão tempo planejamento registro amor desejo militância ativismos luta distância desaceleração paisagem ação direta cuidado estratégia aprendizagem alteridade autogestão autonomia e tantas outras palavras definem nosso modo de fazer educação e ativismos.

A escola do fora, o fora da escola.

Educar é ato de amar

Educador guerreiro?

Identidade para nos situar e não para nos situar.

Mangue - porção de rio com água salobra

ler o movimento das marés. Para quê?

Para surfar a melhor onda, pra entrar no momento certo, e agir!

Onde está a riqueza?

No mangue

na cachoeira

no estuário

no oceano

no rio

na floresta

nas pedras

no igarapé

no sertão

na areia

O progresso é caminhar em direção à origem

Paralizaremos os corpos se mutilarmos a natureza

Aniquilaremos os corpos se não frearmos a matança do clima.

Uma antena de wi-fi enterrada na lama ou navegando em uma canoa?

Warriors e todas as gangues

estão debaixo das árvores conosco.

Lousa-mesa se deslocando o tempo todo

no sobe e desce piracema

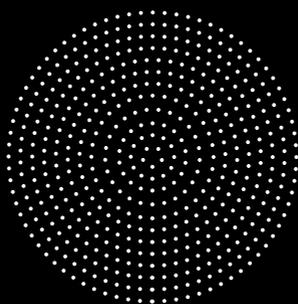
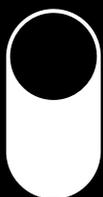
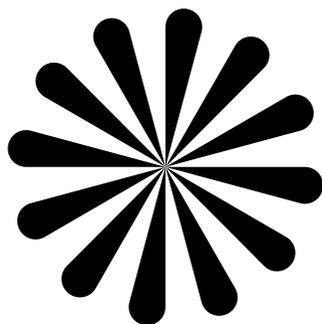
A Escola do fora, o fora da escola.

Para assistir
as lives do
DezporCento
acesse o
QRCode



<https://escoladeativismo.org.br/dez-por-cento-10-anos-de-escola-de-ativismo-100-anos-de-paulo-freire>

“Jorge Larrosa é professor de Filosofia da Educação na Universidad de Barcelona, Espanha. Seus últimos trabalhos publicados no Brasil, todos pela Editora Autêntica, tratam da forma da escola em todas suas modalidades e da materialidade do ofício do professor. ‘Minha contribuição será uma reflexão sobre o estudo, o trabalho e o ativismo como formas de abrir e compartilhar o mundo’, explica o professor sobre sua fala”.



**Luciana
Ferreira**

BOA TARDE.

“ESTES FENÔMENOS DE RESISTÊNCIA SÃO COMO OLHOS D’ÁGUA, QUE, COMO BEM MOSTRA A GEOLOGIA, SÃO PONTOS DE ERUPÇÃO DE ALGO MUITO MAIS COMPLETO E COMPLEXO, FAZENDO PARTE DE UMA INTRINCADA REDE QUE SE FORMA E SE MANTÉM MUITO MAIS ABAIXO FICANDO, PORTANTO, PROTEGIDO DA AÇÃO ANIQUILADORA VINDO UMA HORA A IRROMPER À SUPERFÍCIE. A IDEIA DE UMA INFILTRAÇÃO EM UMA ESTRUTURA APARENTEMENTE SÓLIDA É COMO AS PERFORMANCES DECOLONIAIS SE CONSOLIDAM.”¹

ESSE É UM TRECHO DO TEXTO “AUTO DECOLONIZAÇÃO – UMA PESQUISA PESSOAL NO ALÉM COLETIVO”, DE JAIDER ESBELL MAKUXI QUE ENCANTOU-SE RECENTEMENTE. A SUA OBRA, A SUA ARTE, O SEU ATIVISMO, SEGUE IMORTALIZADO E É INSPIRAÇÃO PARA TODOS NÓS QUE RESISTIREMOS A VÍRUS, A VERMES E A GENOCIDAS. QUE SEJAMOS OLHOS D’ÁGUA.

UM ABRAÇO AO POVO MACUXI, A TODOS DA TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL, A RORAIMA. SEJAM TODOS BEM-VINDOS, BEM-VINDAS, BEM-VINDES AO NOSSO DEZ POR CENTO.

PARA ABRIR OS NOSSOS TRABALHOS DESTA TARDE, A GENTE TRAZ O JAIDER, MAS TAMBÉM TROUXEMOS O PAULO FREIRE, NOSSO GRANDE HOMENAGEADO. NESTE ANO, ELE FAZ CEM ANOS NO MESMO ANO EM QUE A ESCOLA DE ATIVISMO COMPLETA DEZ ANOS. POR ISSO ESSE EVENTO CHAMA-SE “DEZ POR CENTO”.

¹ Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/08/09/auto-decolonizacao-uma-pesquisa-pessoal-no-alem-coletivo/>

“NUNCA UM ACONTECIMENTO, UM FATO, UM FEITO, UM GESTO DE RAIVA OU DE AMOR, UM POEMA, UMA TELA, UMA CANÇÃO, UM LIVRO TÊM POR TRÁS DE SI UMA ÚNICA RAZÃO.

UM ACONTECIMENTO, UM FATO, UM FEITO, UMA CANÇÃO, UM GESTO, UM POEMA, UM LIVRO SE ACHAM SEMPRE ENVOLVIDOS EM DENSAS TRAMAS, TOCADOS POR MÚLTIPLAS RAZÕES DE SER DE QUE ALGUMAS ESTÃO MAIS PRÓXIMAS DO OCORRIDO OU DO CRIADO, DE QUE OUTRAS SÃO MAIS VISÍVEIS ENQUANTO RAZÃO DE SER. POR ISSO É QUE A MIM ME INTERESSOU SEMPRE MUITO MAIS A COMPREENSÃO DO PROCESSO EM QUE E COMO AS COISAS SE DÃO DO QUE O PRODUTO EM SI.”²

PAULO FREIRE NOS FALA EM PEDAGOGIA DA ESPERANÇA E É POR ISSO QUE A GENTE TAMBÉM ESTÁ AQUI HOJE: OLHAR PARA ESSES ENCONTROS DO “DEZ POR CENTO” COMO PROCESSO, COMO ESPAÇO DE CONVERSACÃO, COMO ESPAÇO TAMBÉM DE AÇÃO DIRETA EM EDUCAÇÃO.

A GENTE ESTÁ MUITO FELIZ HOJE PORQUE NOSSO CONVIDADO VEM LÁ DE BARCELONA. ENTÃO, MUITOS MUNDOS NOS ATRAVESSAM E NOS SEPARAM, MAS A GENTE SE CONECTOU HOJE NESSAS ONDAS VIRTUAIS, NESES ENCONTROS EM LINHA. RECEBEMOS HOJE O NOSSO QUERIDO JORGE LARROSA, UM PROFESSOR, GRANDE AMIGO E REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO, QUE PUBLICOU VÁRIOS LIVROS, PARTICULARMENTE, GOSTO MUITO DO PEDAGOGIA PROFANA. DEVO CITAR TAMBÉM O ELOGIO DA ESCOLA, TEM O ESPERANDO NÃO SE SABE O QUÊ – SOBRE O OFÍCIO DO PROFESSOR, TODOS PELA EDITORA AUTÊNTICA.

2 FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1992. Versão digital disponível em: <https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/categoriasdownloads/files/20190628210617.pdf>

JORGE É UM CONHECEDOR TAMBÉM DE BRASIL. JÁ PASSOU POR VÁRIOS TERRITÓRIOS, CONHECE VÁRIOS ESTADOS, VÁRIAS COMUNIDADES E HOJE ESTÁ AQUI COM A GENTE PARA FAZER UMA PROVOCAÇÃO, PARA CONTAR UM POUCO COMO TEM SIDO A VIDA EM BARCELONA, SOBRETUDO NESSE DIÁLOGO SOBRE ESTUDO, ESCOLA, TRABALHO E ATIVISMO.

MUITA ALEGRIA, JORGE, EM TE RECEBER AQUI HOJE. A GENTE VAI FAZER UMA DINÂMICA QUE VOCÊ CONHECE BEM, QUE É TER UM

TEMPO PARA TE ESCUTAR, AS EDUCADORAS E EDUCADORES AQUI DO BRASIL ESTÃO SUPER AFIM DE TE OUVIR. E DEPOIS A GENTE FAZ UM BATE BOLA, UM BATE-PAPO AQUI COM QUEM ESTÁ NOS OUVINDO NESSE DIA DE HOJE.

EU SOU LUCIANA FERREIRA, ESTOU REPRESENTANDO AQUI A EQUIPE DA ESCOLA DE ATIVISMO, UM BEIÇÃO PARA TODO MUNDO DA ESCOLA, PRINCIPALMENTE PARA O NOSSO NEIR QUE É O NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E INVENÇÕES.

JORGE, É CONTIGO, MEU AMIGO.

**Jorge
Larrosa**

Estou muito feliz de estar aqui. Conheço a Luciana há muito tempo e é um privilégio ter sido convidado para comemorar o décimo aniversário da Escola de Ativismo. E mais coincidência com Paulo Freire. Na verdade, eu não sabia muito bem o que preparar para hoje, decidi contar para vocês um pouquinho, os primeiros alinhamentos de um dos últimos cursos que eu fiz na Universidad de Barcelona antes de me aposentar. E que tinha como pretexto o lema das Juventudes Comunistas de Cuba: Estudo, trabalho e fuzil. Estudo, trabalho e luta. Estudo, trabalho e combate. Estudo, trabalho e fuzil.

Se vocês colocarem no Google “Juventudes Comunistas Cubanas” ou “Estudo, Trabalho e Fuzil”, vocês vão ver o logo que é muito lindo, porque cada uma dessas três atividades está representada por um personagem diferente. E eu gosto que seja um personagem diferente, porque temos os nossos limites, então é muito difícil ser ao mesmo tempo estudante, trabalhador e militante. E cada um de nós se especializa em alguma dessas atividades, mas temos a sorte de ter pelo menos amigos nas outras.



Então:

- 1) o Estudo está representado nesse logo por Júlio Antônio Mella³, que é o organizador da universidade e do sistema educativo cubano depois da revolução;
- 2) o Trabalho por Camilo Cienfuegos⁴, que era o camponês, o trabalhador;

3) o Fuzil, naturalmente por Ernesto Che Guevara⁵.

E eu pensei imediatamente que Estudo, Trabalho e Fuzil” se correspondem, nada mais e nada menos, que as três ordens medievais:

- 1) os *oratores*, os clérigos, aqueles que dedicam sua vida ao estudo, a oração. Acho que nós, professores, descendemos um pouquinho dos clérigos, temos alguma coisa de clérigos;
- 2) os *laboratores*, que na Idade Média eram os camponeses e os artesãos;
- 3) os *bellatores*, que eram soldados.

As três ordens medievais. E também era interessante para nós esse pretexto porque “Estudo, Trabalho e Fuzil” era o hino da campanha de alfabetização que o governo revolucionário cubano montou imediatamente depois da revolução.

Nós começamos o curso com um documentário muito bonito que vocês também podem achar por aí, de Sílvio Rodríguez, um músico, poeta, um documentário que se intitula *A minha primeira tarefa*⁶, onde

o Sílvio Rodríguez conta a sua participação, ele tinha 13 anos, nesta campanha de alfabetização pós-revolucionária. Ele fala bonito dessa ideia de dedicar um ano da tua vida não para ti, senão para os outros. Ele conta que ele também participou como voluntário na guerra de Angola, vocês sabem que o governo cubano enviava soldados às guerras africanas contra o colonialismo. É época de Paulo Freire. Um pouco as campanhas de alfabetização nos países africanos em processo de independência. A última talvez seja a campanha de alfabetização sandinista depois da revolução, vocês lembram muito bem as imagens, os mesmos combatentes da guerrilha, às vezes com uniforme de soldados participando das comunidades e alfabetizando as pessoas. Então tentamos entrar um pouquinho por essa onda, para ver os entrecruzamentos “Estudo, Trabalho e Fuzil” na época da *Pedagogia do oprimido*, na época das campanhas de alfabetização.

Então nós começamos com esse documentário, *A minha primeira tarefa*, de Sílvio Rodríguez, e também com um texto muito bonito de um escritor argentino, chamado Ricardo Piglia, cujo título é “Che, último leitor”. Se vocês colocarem no Google vão achar imagens muito bonitas de uma exposição que aconteceu em Buenos Aires na qual é um pouco a história de Che Guevara como leitor, e essas fotos emblemáticas na floresta boliviana do Che subindo numa árvore e lendo algum livro.

Então, Ricardo Piglia escreve esse texto e eu queria ler para vocês o último parágrafo que diz alguma coisa desse entrecruzamento entre o que seria a figura emblemática do fuzil, do guerreiro lutador. Este homem que abandonou qualquer possibilidade de ficar como um funcionário do governo cubano para se unir às lutas em diferentes lugares do mundo, mas também o leitor. E o parágrafo diz assim: “Há uma cena que funciona quase como uma alegoria da vida do Che. Antes de ser assassinado, Guevara passa a noite numa escolinha de La Higuera [vocês sabem que Guevara foi preso, caiu ferido e então

3 Para saber mais: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/mella_julio.htm

4 Para saber mais: https://pt.wikipedia.org/wiki/Camillo_Cienfuegos

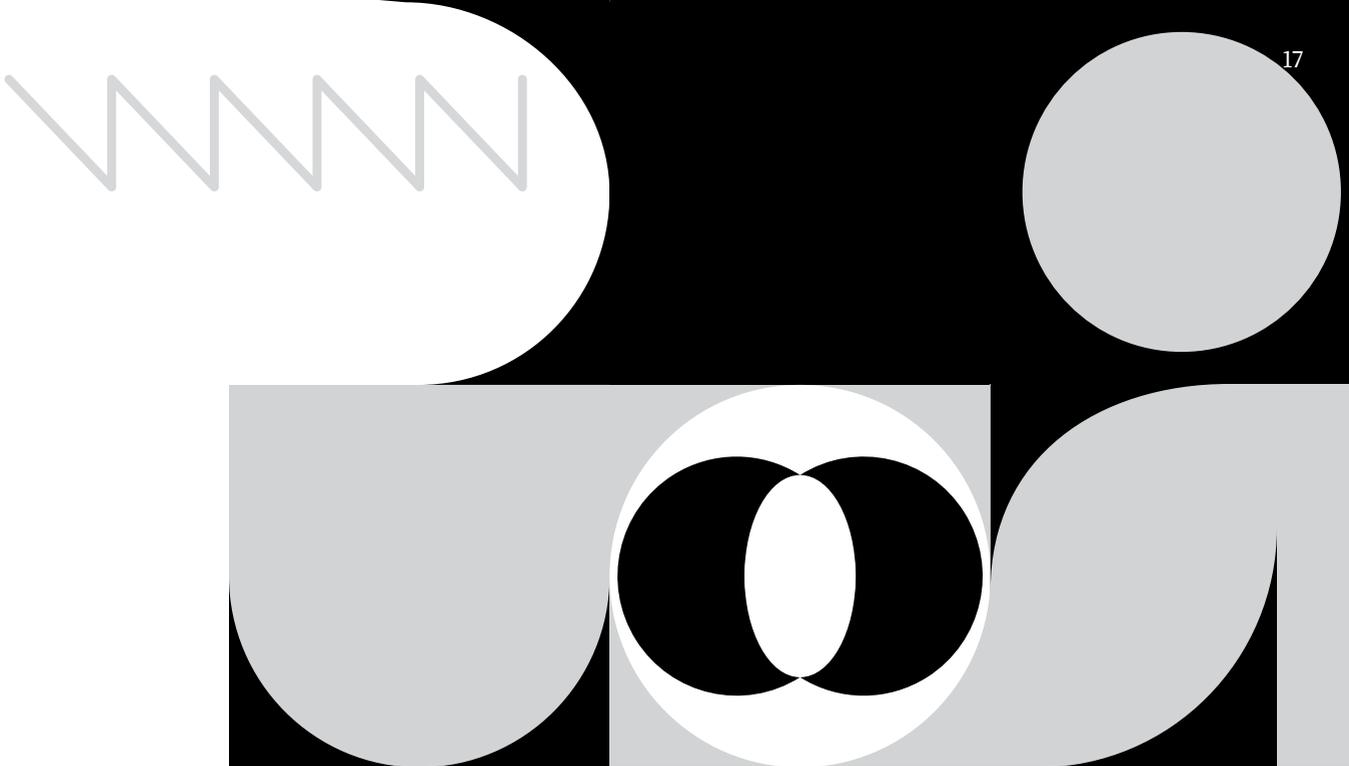
5 Para saber mais: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/guevara_che.htm

6 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8q5E50ckizl>

ele passou a última noite numa escolinha de uma aldeia na floresta boliviana]. A única pessoa que teve com ele uma atitude caritativa foi a professora do lugar, Júlia Cortez, que levou para ele um prato de comida cozinhado pela sua mãe. Quando ela entra, ele está jogado no chão da sala de aula, ferido. Então, diz: ‘Guevara, as suas últimas palavras...’ Guevara assinala para a professora uma frase que está escrita no quadro, ponderando que está mal escrita, que tem um erro. Che Guevara, com o seu desejo de perfeição, diz: “falta o acento”. Faz a pequena recomendação à professora, sempre a pedagogia até o último momento. A frase escrita no quadro da escolinha de La Higuera era: ‘Já sei ler’, sem o acento exigido pelo idioma espanhol. Essa foi a frase que ao final da sua vida, o último que se registra, seja uma frase que tenha a ver com a leitura. É como um oráculo, como uma cristalização quase perfeita”.

Talvez a última frase registrada de Che Guevara fosse “Professora, falta um acento”. Como diz Piglia, a pedagogia até o último momento, no afã de perfeição. E para finalizar um pouquinho essa figura, eu vou contar para vocês que recebi há pouco como um presente, o *Caderno verde do Che*⁷. Quando caiu ferido, só restavam três ou quatro guerrilheiros na floresta, fugindo ele jogou quase tudo que tinha algum peso, e na sua mochila achou-se apenas dois cadernos com diários. E o famoso caderno verde, que era um caderno com poemas escritos, copiados à mão pelo próprio Che Guevara, que acompanharam ele até o último momento, com seus poetas favoritos.

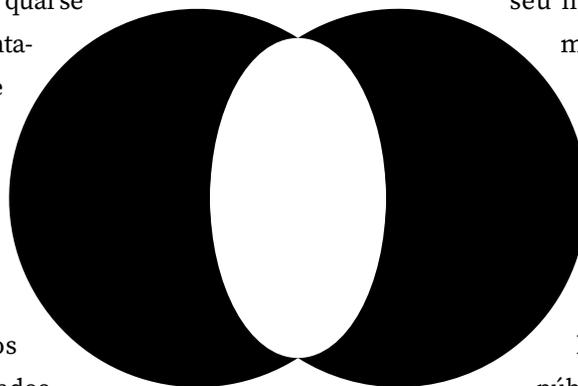
7 GUEVARA, Ernesto Che. El Cuaderno Verde Del Che. Editora BOOKET, 2013.



Foi assim, Sívio Rodríguez participando das campanhas de alfabetização: “Estudo, Trabalho e Fuzil”. O Che como leitor, como uma combinação quase perfeita da vida ativa e da vida contemplativa, da vida de luta e da vida de estudo. A nossa ideia nesse curso era trabalhar um pouco essas três atividades, “Estudo, Trabalho e Luta”, combate, militância, como você quiser, e como formas de abrir e de compartilhar o mundo. E para isso, o primeiro foi dar uma sonoridade interessante para a palavra mundo. Mundo não é exatamente sociedade. Quando o Paulo Freire fala de que a leitura da palavra precede a leitura do mundo, há que entender um pouquinho como soa aí a palavra “mundo”. Então, nós tentamos dar uma sonoridade à palavra “mundo” e, para isso, a gente utilizou três coisas. Primeiro, o famoso parágrafo

final do texto de Hannah Arendt⁸ sobre a educação onde ela diz que “A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para tomar uma responsabilidade por ele”, etc etc. Ela fala da educação como a tarefa de renovar o mundo comum. A educação tem a ver com o mundo, não com a sociedade, não com a comunidade, mas com o mundo. E o mundo é alguma coisa própria da sociedade, própria da comunidade, mas não coincide exatamente com ela. Depois a gente pensou um pouquinho na famosa frase de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo. Os homens (os seres humanos, as pessoas) educam-se entre si pela mediação do mundo”. A gente tentou dar sentido a isso da mediação do mundo: o mundo está no meio, o mundo é aquilo que é público, aquilo que se faz público. E finalmente nós consideramos também um texto curtinho de um filósofo espanhol, que se chama Santiago Alba Rico⁹, intitulado “A conversa da mesa do lado”. E então ele conta que estava no restaurante em

Barcelona, escutando a conversa na mesa do lado onde uma turma de jovens falava de nada. A frase dele, a pequenez (não sei se existe essa palavra em português), ele falava do mundo pequeno e pobre no qual movimentavam as suas vidas e as suas conversas. A frase de Santiago Alba é: “A pequenez quase solipcista (quase autista) do mundo no qual se moviam (se movimentavam) as suas vidas e as suas conversas”. O mundo seria isso que marca as nossas vidas e as nossas conversas, sobre o qual nos sentimos implicados, complicados, isso que tem um significado para nós, isso para a qual nós somos sensíveis, nós temos uma certa sensibilidade para algumas coisas e não para outras. O mundo seria o marco das nossas vidas e também o marco das nossas conversas, o mundo seria aquilo do que falamos, aquilo que compartilhamos com



os amigos. E a partir dessa frase nós decidimos que os diferentes participantes nesse curso, os estudantes e nós mesmos também se apresentassem respondendo a uma pergunta: Em que mundo você vive?

Isto é, não fale de você, mas fale do seu mundo! Ou fale de você em relação ao seu mundo, o mundo que marca a sua vida e as suas conversas. Portanto, o seu mundo é também o mundo de que você fala, porque o mundo só existe tanto que falado, tanto que o feito público, tanto que compartilhado. Quando ninguém fala de alguma coisa, isso desaparece do mundo comum. Então, em que mundo você vive? E também, qual é o mundo de que você fala, qual é o mundo que você compartilha? E também é um pouco a pergunta de com quem você compartilha o mundo? Isto é, quem são os teus amigos?

Para nós, a amizade não tem a ver com as confidências, com essa relação de coração a coração, como essa intimidade de coração a coração, mas é um pouco essa amizade grega, essa amizade um pouco mais política, um pouco mais discursiva: a amizade tem a ver com uma conversa, tem a ver com uma luta comum, tem a ver com quem você faz as coisas, com quem você dá sentido ao mundo. Começo a experimentar um pouco aqui: eu acho que a Escola do Ativismo poderia ser um lugar para compartilhar o mundo, que está feita de amigos. Mas essa amizade tem a ver com compromissos comuns, com coisas que se compartilham. E eu acho que tem a ver também com um cruzamento interessante entre estudo, trabalho e fuzil.

Isso foi um pouco a nossa introdução: estudo, trabalho e fuzil como maneira de abrir e de compartilhar o mundo. Nós decidimos elaborar cada uma dessas categorias em relação à obra de uma filósofa francesa, Simone Weil¹⁰, que é uma mulher que integra essas três categorias: a vida

8 ARENDT, Hannah. A crise na educação. disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf

9 Saber mais em https://es.wikipedia.org/wiki/Santiago_Alba_Rico

10 Para saber mais: https://pt.wikipedia.org/wiki/Simone_Weil

como estudo, de fato os cadernos da vida de Simone Weil eram impressionantes, ela traduzia direto do sânscrito, do grego, interessava-se pela Matemática e obviamente pela Filosofia, mas as suas leituras das tragédias gregas são maravilhosas. Uma vida de estudo permanente desde a sua adolescência. E uma vida de trabalho, depois contarei para vocês a sua vida na fábrica e no campo, depois da ocupação pelos alemães durante a Segunda Guerra. Ela se relacionou com sindicalistas, muitos de seus textos foram publicados em revistas sindicais, revistas militantes dos obreiros, dos operários daquela época. E também a vida como combate, a sua implicação na Guerra Civil Espanhola, ela se alistou como voluntária para a luta na Guerra Civil Espanhola.

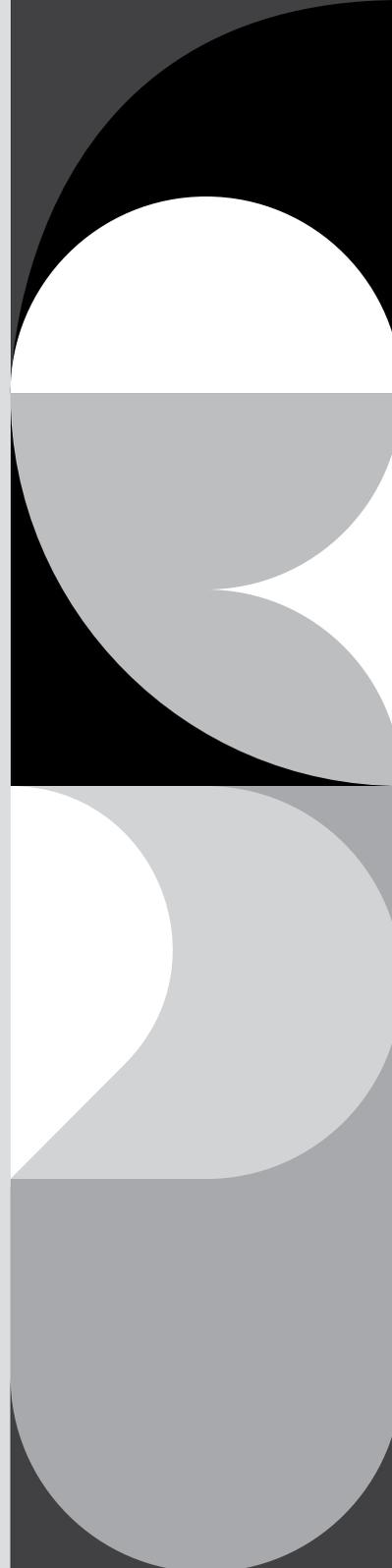
O exercício com Simone Weil nos permitia um deslocamento temporal. Se quando começamos, a atmosfera espiritual da Cuba revolucionária, da primeira época de Paulo Freire, essa atmosfera espiritual que já não existe mais, estava longe, mas estava perto ao mesmo tempo. O trabalho com Simone Weil permitia nos deslocar a essa França dos anos 1930 e 40 quando os partidos comunistas eram muito fortes, era a época do antifascismo. Era um marco temporal, um marco espiritual completamente diferente. E a gente fez isso um pouco também para distanciar o nosso trabalho dos tiques do presente, dos tiques da atualidade. É verdade que nessa época temos um certo jeito de cantar, de dar palavra a isso do ativismo, mas são os tiques da nossa época, e nós não somos nem os primeiros e nem os últimos. A Luciana sabe muito bem que um dos últimos cursos que dei na universidade foi sobre a leitura da *Pedagogia do oprimido* no aniversário de cinquenta anos da sua primeira publicação. Um pouco por um exercício, porque eu havia lido este livro há muitos anos, quando eu era jovem estudante de Pedagogia e de Filosofia, e eu queria testar se o livro aguentava uma leitura cinquenta anos depois. Portanto era um pouco exploratória a leitura e a sonoridade da *Pedagogia do oprimido*, até que ponto está longe e até que ponto está perto de nós. Mas eu fiquei muito emocionado

com o primeiro sintagma da *Pedagogia do oprimido*, como vocês sabem, ela começa com “mais uma vez”, uma vez mais, os homens desafiados pela dramaticidade do momento presente, colocam-se a si mesmos como o problema. Mais uma vez.

E eu gostei dessa ideia. Não somos os primeiros e nem seremos os últimos, então esse cruzamento entre “Estudo, Trabalho e Fuzil” existiu durante os anos 1930 e 40 na França de Simone Weil, existiu durante os anos 1960 nas revoluções americanas e africanas, e existe agora de outro jeito, de outra maneira, em outras condições. Mas a luta já começou muito antes de nós, o estudo já começou antes do que nós e o trabalho também. Então, a gente se incorpora ao estudo, ao trabalho e ao fuzil que já existe, e a nossa responsabilidade é repensar, refazer essas coisas na nossa época e com as suas contradições.

Então vou contar um pouco da vida da Simone Weil. Há escritores ou pensadores cujas vidas podem ser separadas da sua obra. Então a gente pode ler a sua obra e nem se interessar pela sua vida. Mas há outros que sua obra é inseparável da sua vida. E eu tenho cada vez mais a certeza de que as pessoas que são capazes de integrarem nas suas vidas estudo, trabalho e fuzil, a sua vida é fundamental para entender a sua obra, a sua vida é um exemplo da sua obra. Um pouco, como no parágrafo que eu li para vocês do “Che Guevara, último leitor”, essa última frase dele, “Professora, falta um acento!” é uma alegoria, é uma cristalização de toda uma vida. Cristaliza em um momento apenas, uma vida inteira. Então, a vida de Simone Weil encarna de um modo interessante essas três atividades.

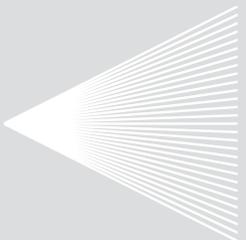
Simone Weil nasceu em 1909, ela fez estudos secundários com Alain, um filósofo interessante da época com o qual ela manteve relações durante toda a sua vida. Aos 19 anos estudou na Escola Normal Superior, o lugar onde não tinha muitas mulheres e não tinha muitos pobres também. E Simone Weil é de uma família humilde, mas ela entrou a estudar em uma das instituições mais prestigiosas da França na época, Escola Normal Superior. E aos 22, ganhou um concurso para ser professora de Filosofia em escola secundária, e ela pediu para assumir numa cidade obreira, uma cidade operária, no sul da França. Imediatamente, como professora, contatou alguns sindicalistas revolucionários, começaram suas publicações e entrevistas sindicais. Ela fazia acompanhamento aos desempregados e aos grevistas. E de um jeito muito ascético, porque era uma asceta, ela considerava o seu salário como professor escandaloso. E então dedicava parte do seu salário a comprar livros para um centro de estudos do sindicato. Renunciou a parte do seu salário que era maior ao que estava recebendo os desempregados da época. Essa foi a sua época de professora em uma cidade operária, e com uma relação intensa com os movimentos sociais dos trabalhadores. Aos 25 anos, em 1934, um acontecimento fundamental na vida de Simone Weil foi sua experiência na fábrica. Ela acabava de terminar o seu primeiro livro importante, *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*. E ela pediu uma licença de estudos e começou a trabalhar em uma fábrica de componentes elétricos, e depois na fábrica de automóveis da Renault. Com essa ideia muito dela, de que a vida é uma tarefa, de que a gente vem ao mundo para muitas coisas, dentre elas para ser feliz, é claro, e para gozar a beleza do mundo e para viver a vida, mas também é para fazer



alguma coisa. A vida é uma tarefa. E a ideia de que a verdade é experimental: o pensamento se produz em contato com a realidade. O pensamento é experimentar-se em relação com a materialidade do mundo.

Depois eu falaria um pouquinho da experiência na fábrica para falar da categoria “Trabalho”, da maneira como ela entende o trabalho. Aos 27 anos, ela participou brevemente na Guerra Civil Espanhola. Se alistou como voluntária nas brigadas anarquistas de Buenaventura Durruti. Nos seus cadernos ela escreve poemas, canções em espanhol que eram cantadas pelos soldados na primeira linha da batalha. Ela teve um acidente, botou o pé numa panela fervente que estava no chão para preparar comida e então foi a um hospital. E seus pais vieram buscá-la e a levaram para a França. E há uma carta que ela escreveu para George Bernanos dando conta dos motivos pelos quais ela se alistou como voluntária na Guerra Civil Espanhola, e ela diz: “Eu não gosto da guerra, mas sempre pensei que pior que a guerra é estar na retaguarda, estar atrás. Quando eu compreendi que apesar dos meus esforços eu não podia deixar de participar moralmente nessa guerra, isto é, desejar todos os dias e todas as horas, a vitória de uns e a derrota dos outros”. Isso é impressionante: eu não podia deixar de participar moralmente nessa guerra porque na minha alma e no meu coração eu desejava a todo o momento, a vitória de uns e a derrota de outros. Então ela continua: “Para mim, que Paris era retaguarda, peguei um trem para Barcelona e me alistei”.

Em 1940, com a França ocupada, ela deixa Paris e vai com seus pais e sua irmã para Marselha, onde trabalhou todo tempo em



tarefas agrícolas, no trigo e nas vinhas. Époça em que combina o trabalho no campo com a escrita sistemática de seus cadernos e onde escreve as suas grandes obras. Em 1942, aos 33 anos, segue para Inglaterra e trabalha como relatora de um jornal da resistência francesa, e ela pedia insistentemente para ser enviada à França para lutar, mas nunca conseguiu. Ela morreu praticamente de fome porque dava de presente o seu cartão de alimentação, em 1943, aos 34 anos.

Uma vida meteórica, uma personagem bem interessante. Praticamente solitária porque não estava conectada aos ambientes universitários, acadêmicos e filosóficos da época, uma pensadora muito solitária. Com um compromisso muito grande pela vida e, ao mesmo tempo, como Che Guevara, uma tentação quase suicida no sentido de entregar a própria vida. A vida de Simone Weil é uma combinação quase perfeita de estudo, trabalho e fuzil. Muito apaixonada e muito criativa ao mesmo tempo.

Mas eu queria falar um pouquinho do diário da fábrica. Para falar um pouquinho do trabalho e, indiretamente, falar um pouquinho do ativismo de modo a combinar estudo, trabalho e militância. O diário de fábrica muito famoso está incluído no livro *A Condição operária*¹¹, e é muito impressionante... Na primeira página do diário, para dar o tom do diário, ela coloca duas frases. Uma frase em grego que diz assim: “Muitas penalidades (em português talvez: penas, penalidades, muitas cargas, muito sofrimento) são a pressão de uma dura necessidade”. Essa

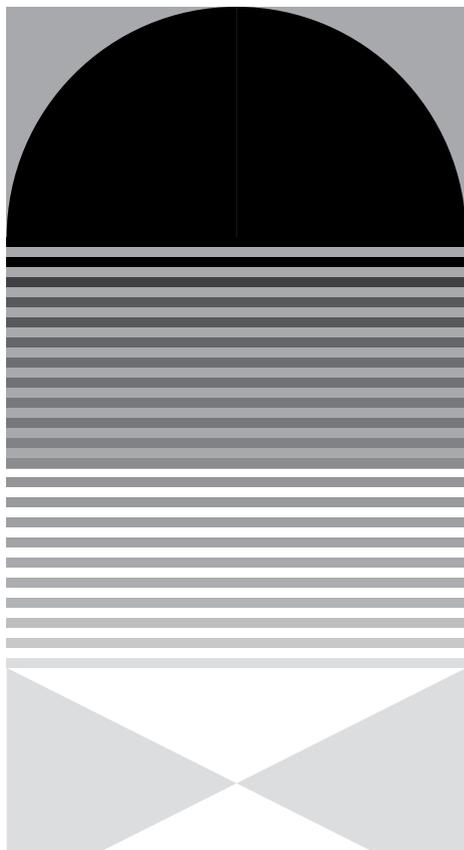
11 WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Editora Paz e Terra, 2008.

frase pertence ao canto VI da *Ilíada* de Homero, um dos momentos mais emocionantes, mais emotivos da *Ilíada*, que é o momento onde Hector, príncipe troiano, é desafiado por Aquiles, o invencível. Portanto, sabendo que vai morrer, Hector se despede de sua mulher Andrômaca e seu filho. Ele diz que não está sofrendo pelo pai nem pela mãe, mas está sofrendo por sua mulher porque sabe que depois da derrota de Tróia sua mulher será escravizada. Terá que levar água de um lugar para outro, tecer tecidos para outra pessoa, então essa frase diz das penalidades e o sofrimento sob a pressão de uma dura necessidade. Tentarei contar depois como foi para Simone Weil a maldição do trabalho, precisamente a sua escravidão que o trabalho implica. E a segunda frase diz que para cada um, o seu trabalho seja um objeto de contemplação. Que o trabalho de cada um não seja apenas um lugar de ativismo, de atividade, mas também um lugar de contemplação, um lugar de estudo, um lugar de reflexão, um lugar de pensamento. Essa é um pouco a ideia, então o diário da fábrica é lindo porque nas páginas da direita ela anota o número de peças que ela faz, o tempo que ocupa em

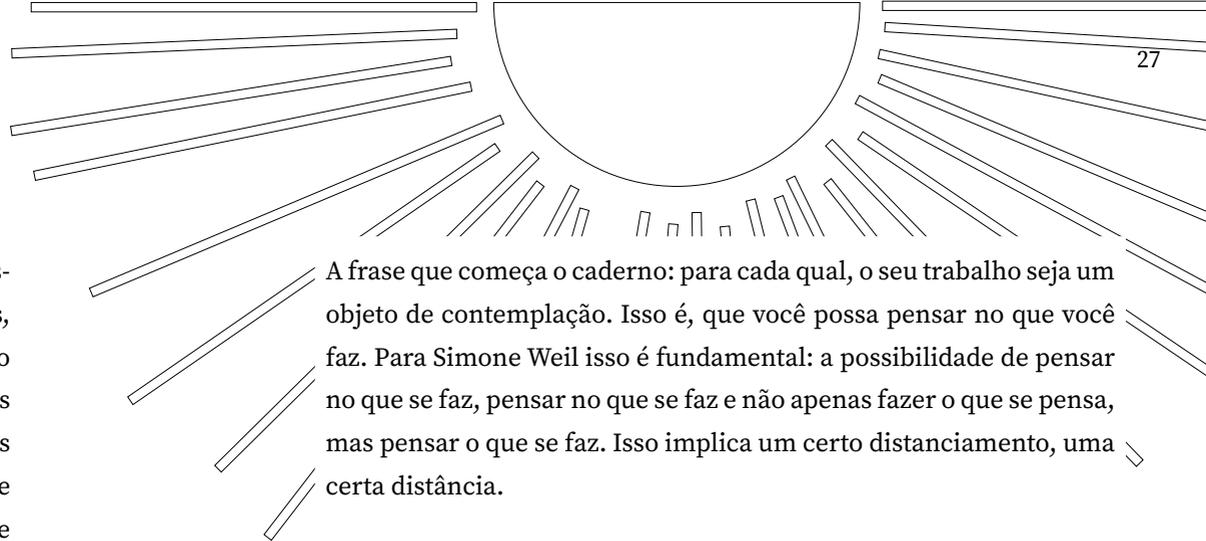
cada uma das peças, o salário que recebe, os pequenos encontros, historinhas com os trabalhadores etc, e na outra página, ela escreve seus pensamentos e reflexões. Uma parte mais objetiva com cara de caderno de campo e uma parte mais reflexiva, ao mesmo tempo submetida a um trabalho cansativo, mas ela ainda encontra tempo para escrever cartas e outras reflexões.

Mas o interessante de Simone Weil é que a opressão, o que ela chama de opressão, é independente da economia. E também quase independente do social. É uma questão que tem a ver com o espírito. Ela diz que o trabalho na fábrica é um delito contra a alma. O dano produzido ao trabalhador não é um dano fundamentalmente econômico, o problema não é que o patrão explora o trabalho e submeta o trabalhador a condições salariais quase muito pobres, mas a fábrica destrói a humanidade do homem. Por isso ela nunca fala de explorados, mas ela fala de oprimidos e de escravos. O trabalho é sofrido, o trabalho é esforçado pela sua própria natureza. O ser humano tem que trabalhar, e o trabalho implica

sofrimento, o trabalho implica esforço. Mas não deveria ser degradante ou humilhante. Há um sofrimento necessário mais ligado à necessidade, mas há um sofrimento desnecessário que está ligado à humilhação e a desumanização. Portanto, o problema para ela não é a emancipação do trabalho, mas a emancipação no trabalho: como o trabalho pode ser uma



atividade dignamente humana. Interessante também que dentro das lágrimas, da raiva, do sofrimento, cansaço e tudo o mais que o trabalho na fábrica dos anos 1930 supõe, ela encontra sempre alguns momentos de fraternidade, de alegria, de empatia e etc. E nesses momentos onde ela tem um sentimento de dignidade, de se manter em pé, de levantar a cabeça, de ter uma certa dignidade humana. Ela acha esses momentos nas conversações que ela tem com outros trabalhadores sindicalistas comprometidos politicamente e em momentos separados do trabalho, onde se pensa e fala-se do trabalho. Esses momentos onde os trabalhadores não se sentem só trabalhadores, mas se sentem como qualquer um, se sentem humanos, poderíamos dizer. Nesse sentido, eu queria concluir essa parte a respeito da Simone Weil, de que para ela o que seria mais sofrido do trabalho, mais humilhante, mais degradante do trabalho, é o fato de que o trabalho impossibilita pensar. Você está tão submerso no trabalho, nas rotinas do trabalho que você é incapaz de produzir uma certa distância entre você e aquilo que você faz. Incapacidade de pensar.



A frase que começa o caderno: para cada qual, o seu trabalho seja um objeto de contemplação. Isso é, que você possa pensar no que você faz. Para Simone Weil isso é fundamental: a possibilidade de pensar no que se faz, pensar no que se faz e não apenas fazer o que se pensa, mas pensar o que se faz. Isso implica um certo distanciamento, uma certa distância.

Uma carta do ano 1936 escrita um ano depois da saída da fábrica, mas que fala da fábrica, onde ela responde uma questão feita por uma organização sindical, a respeito de qual seria o lugar do trabalho em uma sociedade livre, como poderíamos pensar o trabalho numa sociedade livre? E a carta intitula-se "Esse é o meu ideal". Vou ler apenas uma frase em que ela diz assim: "Esse é o meu ideal – uma sociedade na qual o trabalho seja um meio de educação".

Veja, ela diz de uma sociedade onde o trabalho seja um lugar de educação. Uma sociedade onde você pode trabalhar, mas onde você também pode pensar sobre o que você faz. Portanto, o trabalho seja um meio de educação. Ela disse imediatamente depois que as condições da fábrica que ela experimentou fazem isso impossível para os trabalhadores de mais baixa qualificação, mas também para os trabalhadores dos escritórios, mesmo para os engenheiros e mesmo para os donos da fábrica. A incapacidade de pensar, isto é, de que o trabalho não é educação, não é pensamento, não é transformação, não é educação.

Ainda na carta ela coloca duas preocupações em relação ao trabalho: (1) a beleza. Ela diz que no trabalho antigo dos camponeses e seus antecessores existia uma certa beleza. No trabalho deveria haver uma certa beleza, um certo sentimento de beleza. E depois ela coloca



a sua grande preocupação, muito linda, que é a questão da (2) alegria. Ela diz: “Minhas reflexões sobre o trabalho levam-me a me colocar duas questões: a questão da alegria no trabalho e a questão da beleza no trabalho”.

Essas considerações mínimas que fiz sobre o trabalho em Simone Weil, elas podem ser colocadas também em relação ao ativismo, à militância, ao fuzil. Que para cada qual a sua militância seja um objeto de contemplação. Que a militância possa ser um lugar de educação, também de autoeducação. Um lugar de transformação pessoal, educação. E depois as questões: se na militância também pode haver (eu acho que sim) algo assim como beleza e alegria, qual é o lugar da beleza e da alegria?

Para Simone Weil a beleza é fundamental. Impressionante isso numa pensadora católica. Ela tem um texto que se chama “O amor ao mundo”, um tema arendtiano também, no qual uma pensadora católica diz que a beleza é a única finalidade neste mundo. Portanto, se não há beleza e se não há alegria, o trabalho não tem sentido nenhum, o estudo não tem sentido

nenhum e a militância não tem sentido nenhum. Se não há contemplação, se não há possibilidade de pensamento, nem o estudo, nem o trabalho, e nem o ativismo, eles não têm sentido nenhum.

E depois também tem outra frase muito linda. Ela diz: a beleza é o real. Isso é impressionante. A beleza é uma qualidade do mundo, do real, da realidade. A beleza é o que faz o real mais real. Então, a gente que mora num mundo de fantasmagoria, um mundo de ilusões, um mundo virtual, um mundo imaterial, nós colocamos a beleza em lugares bem esquisitos. Então essa coisa de que a beleza é a maior finalidade neste mundo, e que a beleza é o real, portanto o contato com a materialidade do mundo, por isso ela diz que a beleza no trabalho físico, nessa relação corporal com uma materialidade é muito impressionante.

Eu falei um pouco do entrecruzamento de estudo, trabalho e fuzil em diferentes épocas e em diferentes circunstâncias. Che Guevara inventou a sua, Sílvia Rodriguez também, Simone Weil inventou a sua e nós temos que inventar a nossa maneira de viver no estudo, no trabalho e na militância. Nas três, mais em umas e menos em outras, mas tendo algum amigo nas outras para podermos conversar com ele. Então vou terminar falando como eu me apresentei nesse curso. Já falei que a apresentação era respondendo à pergunta:

em que mundo você vive?

Eu me apresentei dizendo que o meu mundo, o mundo em que vivo, combina estudo, trabalho e fuzil (luta). Sou professor e não saberia dizer se sou professor porque gosto de estudar ou se eu estudo porque sou professor. Mas, o meu mundo (a *Pedagogia profana*¹² dá um pouco dessa ideia) é um lugar, a sala de aula é o lugar que eu habito, o lugar onde eu trabalho (no *Esperando não se sabe o quê*¹³ eu falo da sala de aula quase como um lugar sagrado). Um lugar artificial que pode estar numa escola ou no meio da floresta. Pode estar em qualquer lugar, em qualquer lugar se pode fazer uma sala de aula. O meu mundo é uma sala de aula e uma materialidade. Qual é essa materialidade?

12 LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana - danças, piruetas e mascaradas*. Coleção: experiência e sentido. Autêntica editora, 2017.

13 LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê - do ofício de professor*. Coleção: experiência e sentido. Autêntica editora, 2017.

Essa materialidade, no meu caso, é a língua. Eu tenho a impressão que, do jeito como eu pratiquei meu ofício, é um ofício de palavras. O que eu tentei fazer com o meu trabalho e o meu estudo é tentar uma relação um pouquinho mais atenta com a língua, dignificar um pouquinho a língua com a qual falamos com os amigos no nosso mundo do que somos e do que nos acontece. Lutar contra a degradação da língua porque a língua é aquilo que abre mundos e permite compartilhar mundos, portanto uma língua pobre é também um mundo pobre. E porque a língua é inseparável do pensamento. Portanto, vocês sabem, há uma batalha que se faz na língua e com a língua.

Penso que as minhas lutas, e uso essa palavra num tom solene, foram as lutas na língua, as lutas feitas com palavras, defendendo algumas palavras e lutando contra outras palavras. Sobretudo por essa ideia grega de que dizer e pensar é a mesma coisa. Dizer e pensar é a mesma coisa!

Encerro com uma história dos meus tempos de estudante de filosofia, aos 17 anos. Meu professor, senhor José Maria Valverde, um dia contou uma história que eu só compreendi um tempo depois. Disse ele, “um dia eu perguntei para a minha filha de sete anos ‘com que se pensa?’ A menina olhou com uma cara de quem diz, ‘pergunta boba, essa’. Ela respondeu ‘pensa-se com a boca’. Resposta maravilhosa da menina. O pai insiste: “mas como se pensa?’ A menina levanta a cabeça e diz: ‘Isso é muito fácil, é assim: HMMM’. Um triplo M, como nas revistas de histórias em quadrinhos se representa quando alguém está pensando. A boca vibra, mas ainda não falou, a palavra está ainda por sair. Neste momento em que a língua está pronta para dizer alguma coisa, mas você para um momentinho antes de dizer, assim é como se pensa”. E isso me fez pensar que, quando essa menina aprendesse a ler e a escrever,

e visse seu pai, o meu professor José Maria Valverde, inclinado sobre a mesa entre os seus livros e cadernos, ela aprenderia que nós não pensamos só com a boca, mas nós pensamos com o lápis, nós pensamos quando escrevemos, já não falando, mas escrevendo e lendo. Então, escrevendo e lendo que se produz esse HMMM, essa pequena interrupção em que a língua não segue automaticamente, mas para um momento, para um momentinho para pensar antes de continuar falando. Então eu acho que a grande crítica que a Simone Weil fazia ao trabalho tinha a ver com isso, que o trabalho impossibilita esse HMMM, essa parada. Essa seria a minha conclusão.

Eu gosto muito de vocês, as suas lutas, os seus combates, e gosto muito dos trabalhos, gosto de vocês nos seus estudos. Mas eu acho que para que uma escola de ativismo seja escola, precisa cultivar esse momento de HMMM, esse momento de interrupção antes de falar, esse momento de interrupção antes de escrever, porque é ali onde está o pensamento. E eu acho, vocês podem discordar, que ali é onde há uma certa beleza e uma certa alegria.

Então eu falei sobre estudo, trabalho e fuzil...

**Luciana
Ferreira**

FORAM PROVOCAÇÕES INCRÍVEIS PARA OS NOSSOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO INTERNA. ESTUDO, TRABALHO (ATIVISMO E MILITÂNCIA) E FUZIS, REPERCUTIRAM MUITO AQUI. QUAIS SÃO OS FUZIS, QUAIS SÃO AS FERRAMENTAS PARA A NOSSA MILITÂNCIA NO CONTEMPORÂNEO, SE ERA O INSTRUMENTO PRINCIPAL DE CUBA, MAS A CANETA TAMBÉM FOI NA REVOLUÇÃO, AS CAMPANHAS DE ALFABETIZAÇÃO EM CUBA, MAS TAMBÉM OS MÉTODOS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS FORAM FERRAMENTAS FUNDAMENTAIS NA REVOLUÇÃO. QUAIS SÃO OS NOSSOS FUZIS?

MAS, QUEM TE INSPIRA HOJE PARA PENSAR OS SEUS ESTUDOS, ALÉM DOS QUE VOCÊ JÁ CITOU?

POR FIM, O FERNANDO LEOCINO PERGUNTA: O TRABALHO IMPOSSIBILITA PENSAR, VOCÊ TROUXE ISSO. NÃO HÁ COMO NÃO SE LEMBRAR DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS QUE PROCURAM SUFOCAR OS PROFESSORES COM EXAUSTIVA CARGA HORÁRIA, COMPREENDENDO PROFESSORES COMO TÉCNICOS DOS SABERES.

UMA PROVOCAÇÃO DA VALÉRIA: MUITAS VEZES NA ESCOLA SE IMPEDE OS ESTUDANTES DO EXERCÍCIO DO PENSAMENTO. COMO FAZER ESSE EXERCÍCIO DO PENSAMENTO AUTÔNOMO NA ESCOLA?

EU FIQUEI AQUI TRAMANDO, IMAGINANDO O CURSO... COMO FOI FAZER UM CURSO QUE TRAZ ESSA ÉPOCA OU ESSES MUNDOS ANTIGOS PARA A CONTEMPORANEIDADE. E AO TE OUVIR SOBRE SIMONE WEIL E PAULO FREIRE... PORQUE AQUI NA ESCOLA NÓS PENSAMOS EM COMO A GENTE FAZ UMA RELEITURA SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR DE FREIRE, A PARTIR DA *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*, DOS ANOS 1960 AOS DIAS DE HOJE, OS POSSÍVEIS NOS ENCONTROS QUE A GENTE CRIA. E REALMENTE O DESAFIO TEM SIDO PENSAR NO QUE SE FAZ. VALE LEMBRAR QUE O PAULO FREIRE ANDOU POR ESSA FRONTEIRA DE UMA MANEIRA INTERESSANTE, ELE TROUXE PARA DENTRO DAS ESCOLAS NA CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO, NOS CÍRCULOS DE CULTURA, AS PALAVRAS QUE OS TRABALHADORES UTILIZAVAM NO DIA A DIA, E NÃO AS VELHAS FRASES DAS CARTILHAS COMO “VOVÓ VIU A UVA”, E ISSO REVOLUCIONOU O ESPAÇO EDUCACIONAL. ACHO QUE ESSE É UM DESAFIO COTIDIANO, COMO PARA ESSA GERAÇÃO, PARA ESSE PÚBLICO JOVEM, A GENTE TRAZ ESSE DEBATE ENTRE TRABALHO, ESTUDO E NESSA ERA DIGITAL, DAS REDES SOCIAIS EM QUE É POSSÍVEL GANHAR DINHEIRO COM *LIKES*, O QUE É PENSAR NO QUE SE FAZ?

Jorge Larrósa

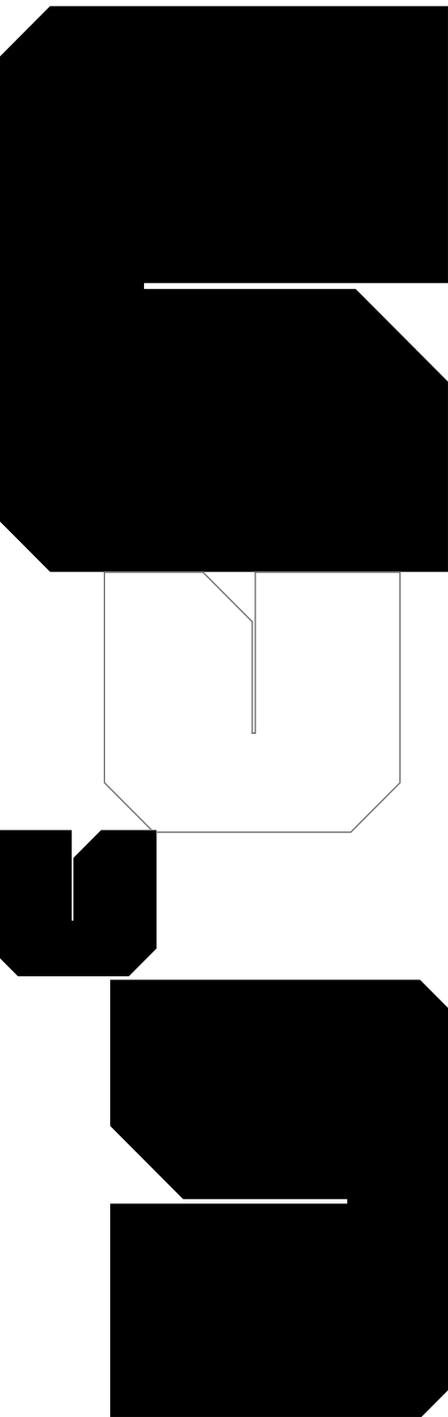
Começo pelo pensar. É verdade que tudo está organizado, sobretudo o ofício do professor, para não pensar. Apenas para alguém que aplica políticas, sobre formas de fazer que estão dadas. Eu acho que a terceira parte do meu livro que fala do professor artesão tem a ver com recuperar um pouco essa lógica do artesanato, essa lógica de ser um pouco o dono da sua própria função e, portanto, pensar.

Mas também é verdade que nós estamos convencidos de que isso que a gente chama pensamento é, claro, um exercício solitário que é impossível sem os outros, impossível sem companhia. Eu acho que a gente deveria explorar um pouco aqui isso de pensar com os outros, pensar em comum.

Esse curso de “Estudo, Trabalho e Fuzil” teve um final interessante nesse sentido. Quando acabo um curso, eu gosto de cunhar uma última frase sem que ela seja minha. Há um momento solene onde eu digo: bom, falta pouco para esse curso acabar, e alguém precisa pronunciar a última frase deste curso porque ela é tão importante quanto a primeira frase de quando iniciamos este curso. Uma menina disse

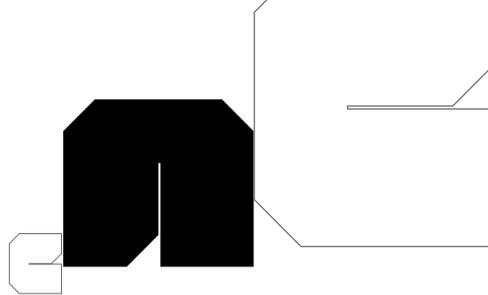
“que pena que o curso acabe aqui!” Pensei que fosse uma boa última frase. Mas outra menina, Patrícia, nervosa, disse: “eu tenho uma dúvida”. Pensei ser uma ótima última frase (risos). Mas como ela estava muito nervosa, não conseguiu deixar de formular a dúvida, e a sua pergunta foi: “como se aprende a pensar?” (risos). E a gente pensando em como se aprende a pensar (risos). Então, seria isso uma prática demorada, esforçada, é uma prática que precisa de muito tempo de muita conversa, de muita leitura, de muitas inspirações, é uma prática bem complexa. Então, esta seria a primeira.

Quais são os fuzis desta época? É verdade que no tempo das campanhas de alfabetização, no tempo do Paulo Freire, o



fuzil era a caneta. Se vocês veem esse documentário do Sílvio Rodríguez, *Mi primera tarea*, vocês verão os meninos voluntários porque estão organizados meio militarmente, são as brigadas de alfabetização... Tinha toda uma lógica militar, mesmo a ideia de campanha é muito militar. Vocês verão imagens simpáticas dos meninos de uniformes desfilando com um lápis como se fosse um fuzil e cantando o hino de “Estudo, Trabalho e Fuzil”. É emocionante, mas é uma representação longínqua. Estava claro que o fuzil era a caneta.

Estou perdendo um pouco a fé na palavra, perdendo a fé de que a palavra possa mudar alguma coisa. Paulo Freire acreditava na palavra. Nessa leitura do *Pedagogia do oprimido* que a gente fez no curso, se a gente tira um pouco a casca assim mais política, mais comprometida, essa que está mais ligada àquela época, o que é muito impressionante nessa primeira obra de Paulo Freire é a sua teoria da língua, teoria da palavra como capaz de criar mundos. É muito cristão... No



momento que você fala, cria-se um mundo. O mundo cria-se pela palavra, o mundo é pronunciado. No momento que você pronuncia, o mundo se abre. Essa parte é muito interessante. Eu acho que agora as coisas já não passam necessariamente pela alfabetização. Alguns dizem de uma época pós-alfabética, pós-letrada, pós-humanista e etc. A palavra virou propaganda, virou *fake news*, a palavra virou uma porcaria total. Mas eu tenho a impressão de que ainda que sejam outros os fuzis, outras as práticas culturais que estão colocadas em jogo no ativismo contemporâneo, talvez porque eu seja antigo, mas eu tenho a impressão de que se não há palavra ao redor, alguma coisa falta. Eu acho que se a gente perder completamente a fé na palavra e entregarmos a palavra ao inimigo, toda uma história da emancipação humana que (cada um tem a sua história, mas) na minha tradição se inicia na Grécia com a invenção simultânea da escrita alfabética, da Filosofia, da democracia e da escola, são quatro invenções simultâneas muito impressionantes, esse ciclo que se abriu talvez esteja a ponto de se fechar, talvez a gente esteja entrando numa outra lógica na qual as lutas tenham outros fuzis e outras armas. Mas eu sou um cara antigo, e para mim é muito difícil renunciar à palavra como a ferramenta principal de qualquer atividade que pretenda ser emancipatória. Se é emancipação, não consiste em fazer com que as pessoas sejam capazes

de pensar por si mesmas com os outros, e dizer como sabiam os antigos gregos, dizer é a mesma coisa que pensar. Falar por si mesmas com os outros, tomar a palavra, a própria palavra não tomar a palavra do outro, mas tomar a própria palavra com outros é, para mim, muito difícil pensar uma política emancipatória que não passe por aí. Ainda que a minha fé na palavra seja cada vez mais fraca. Mas eu acho que isso é um pouco também os nossos limites. A vida é limitada, nós não podemos tudo. O nosso possível também é muito limitado, é fraco, não é uma arma de combate...

Eu queria dizer também sobre o curso, porque pode ser do interesse da Escola de Ativismo. Nos últimos anos o curso é sempre um exercício de pensamento. Se a gente decidiu colocar como tema do curso “Estudo, Trabalho e Fuzil”, não é porque eu saiba coisas. Senão por que eu me disponho a pensar comigo mesmo e com meus alunos o estudo, o trabalho e o fuzil? Essa ideia de um curso que você não sabe como vai acabar... Um curso não é uma série de conteúdos. Um curso é um exercício de pensamento e, portanto, o professor tem que ser aquele que se dispõe a entrar num exercício de pensamento coletivo. Nesse pensamento você administra, você dirige de uma certa maneira o exercício de pensamento coletivo. Isso também é interessante, uma

escola de ativismo não é necessariamente uma série de conteúdos próprios do ativismo, os temas, os textos e tal, mas sempre tem que ser pensada com um exercício de pensamento que naturalmente precisa de uma materialidade, uma materialidade para mim que sou antigo e de uma materialidade linguística, para um antigo que é da época da palavra. E uma última coisa, mais uma vez... Vou enunciar uma certa dor que eu tenho como um velho professor, porque o espírito do “Estudo, Trabalho e Fuzil” na época do Che Guevara ou na época dos partidos comunistas europeus dos anos 1930, não tem muito a ver com o espírito da época. Cada época tem as suas tendências, tem o seu vocabulário e tal. Mas em algumas formas do ativismo contemporâneo tem um certo olhar de superioridade com relação ao passado.

Eu acho que esse exercício de tentar que a conversa não seja excludente, não deixe fora as pessoas com outras retóricas que talvez nunca entrem na lógica do decolonial, na lógica do feminismo, na lógica das identidades seja lá o que for. Eu acho que deveríamos ser um pouco mais tolerantes e fazer uma conversa mais ampliada, e olhar outros tempos com um pouco de piedade, não apenas com esse ar de quem superou porque não superou nada. Não estar tão presos nas palavras de ordem da atualidade, mas essa é uma dor minha porque sempre tem alguém que me acusa de falocentrismo, eurocentrista, mas, humildemente, eu acho que deveríamos tentar que a conversa entre nós não seja armada, tão clerical, tão de colocar cruzes vermelhas e cruzes pretas. Isso de ampliar a conversa. Paulo Freire que

fala do homem, ele é o nosso parceiro. E Simone Weil que falava de um ponto de vista claramente cristão, ela é a nossa parceira. E que tinha outras ancestralidades, tinha as suas ancestralidades próprias, era a nossa parceira. Não sejamos tão sectários.

**Luciana
Ferreira**

MUITOS ABRAÇOS E BEIJOS PARA O JORGE, A GALERA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SÃO PAULO, ESTÁ AQUI MATANDO SAUDADE.

VOCÊ COMEÇOU FALANDO SOBRE MUNDOS E FINALIZOU COM ESSA DICA DOS VÁRIOS MUNDOS E DO TEMPO. POIS BEM, NÓS ESTAMOS ATRAVESSADOS POR UMA SITUAÇÃO ESTRANHA, PARECE QUE ESTAMOS VIVENDO EM PRÁTICAS DE CONFINAMENTO, O TEMPO EM CASA SE ALARGOU, MAS O TEMPO DAS MÁQUINAS COLOCA EM CHEQUE O TEMPO DO CORPO. QUERO *LINKAR* ESSA IDEIA DE TEMPO DIFERENTE, DE TEMPO CRIADO, COM A ESCOLA COMO TEMPO LIVRE PARA PENSAR, ALI MESMO COM JAN MASSCHELEIN¹⁴ E GERT BIESTA^{15 16}. QUERIA TE OUVIR UM POUCO.

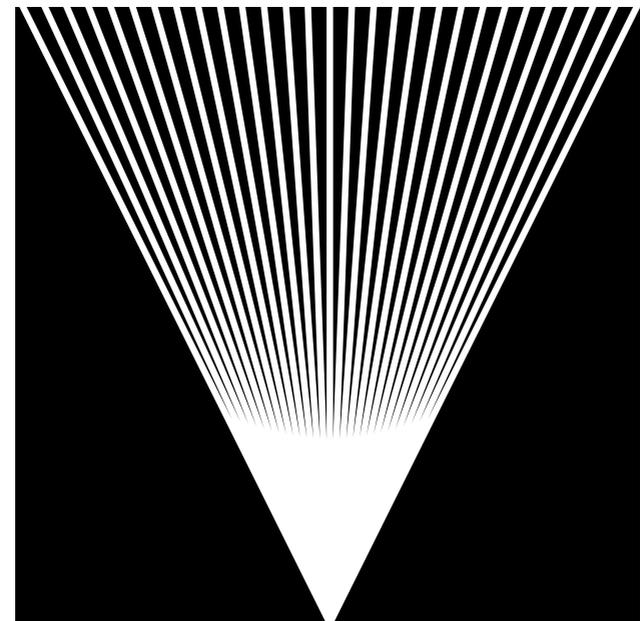
14 MASSCHELEIN, J. e SIMONS, M. Em defesa da escola. Uma questão pública. Coleção: experiência e sentido. Editora Autêntica, 2013.

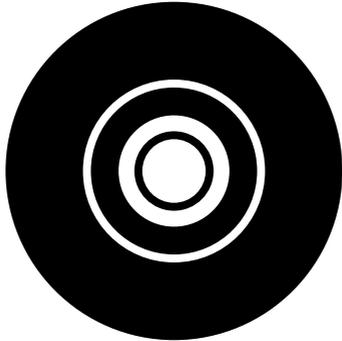
15 Para saber mais: <https://www.gertbiesta.com/>

16 BIESTA, Gert. Para além da aprendizagem - educação democrática para um futuro humano. Coleção: experiência e sentido. Editora Autêntica, 2013.

**Jorge
Larrosa**

Queria mesmo falar da escola. Acho interessante em todos os autores que estão tentando recuperar a palavra escola, skolé que significa tempo livre e, portanto, essa distinção que a escola grega faz muito bem que é separar o uso do tempo, o tempo dos que não tem tempo porque são escravos. Neste sentido de Simone Weil, são escravos porque não têm tempo para pensar. E de outro lado, aqueles que têm tempo para pensar. Eu acho que a escola pública moderna democratiza esse tempo aristocrático dos gregos, mas para imediatamente fazer deste tempo livre um tempo produtivo com o qual já estamos na mesma história. Mas acho que as políticas do tempo são fundamentais nesta época, é um dos temas da esquerda, um dos temas políticos desta época são as políticas do tempo.







**ESC
OLA
DE A
TIVI
SMO**

.org.br

ISBN 978-65-265-0104-7



9 786526 501047 >